

# Enfermeiras austríacas para o Estado brasileiro

19 ABR 1989

Os leitores habituais desta página são testemunhas de que nunca deixamos de criticar nossas autoridades quando consideramos que estão tomando decisões ou tendo comportamentos que não se coadunam com aquilo que nossos princípios liberais e democráticos apontam como o mais indicado para o país. Mas nossos leitores são testemunhas também de que nunca deixamos de elogiar qualquer autoridade ou homem público, mesmo aqueles de cujas idéias divergimos, quando entendemos que eles estão agindo de acordo com os interesses maiores do povo brasileiro.

Nos últimos tempos, para tristeza nossa, não temos tido muitas oportunidades de elogiar o governo do presidente José Sarney, em seu conjunto. Aliás, nem nós nem a maioria da população brasileira. Portanto, é com verdadeiro júbilo cívico que registramos e aplaudimos o empenho e o zelo demonstrados pelas autoridades econômicas, com a preciosa ajuda dos graúdos do Palácio do Planalto, na preparação das medidas corretivas do Plano Verão, o popular **Veranico**.

Ao ver tanto denodo na reelaboração das listas de preços e na elaboração de tão grande conjunto de propostas colocadas na mesa e prontas para desembarcarem no Congresso Nacional sob a forma de nova medida provisória, não resistimos à tentação de parodiar um velho **slogan** eleitoral de um antigo governador de São Paulo: "Desta vez vamos!" Só que não gostaríamos de ter de acrescentar o para onde.

Alguns leitores — talvez a maioria — certamente estão sem entender esse nosso repentina entusiasmo, achando que ele não se justifica. Justifica-se sim: é só observar os acontecimentos com isenção. Ou será que não devemos aplaudir a dedicação e o espírito de sacrifício dos ministros do Planejamento e da Fazenda e de mais cerca de duas dezenas de seus auxiliares, obrigados a passar uma semana inteira em cima de listas de produtos mais consumidos pela população para acertar as novas tabelas de congelamento? Felizmente o esforço foi plenamente compensado.

Com uma precisão milimétrica — de fazer inveja às leis do mercado — os agentes oficiais de preços corrigiram todas as defasagens, para gáudio de produtores, vendedores e consumidores. O presunto cozido (mas só o granel de um quilo) já não tem do que se queixar: ganhou um reajuste de 9,8%; a mesma sorte não teve, porém, a salsicha Viena comum (exceto tipo carneiro), que levou apenas 9,2%; felizes ficaram os mais bem aquinhoados, o vidro de 125g de sopa infantil (14,29%) e o frasco de 500ml de desinfetante à base de pinho (15,9%); o que certamente não aconteceu com a linterninha, as caixas de 400g de margarina comum: levaram só 1,9%, passando de NCz\$ 0,54 para NCz\$ 0,55.

Nas notícias sobre as novas tabelas sentimos falta de algumas informações que alguns setores da imprensa costumam privilegiar nessas ocasiões: quanto se gastou de café e açúcar para distrair os participantes das reuniões, quanto se consumiu de formulários contínuos de computador para chegar-se aos preços ideais, quantas horas ficaram sem dormir ministros e assessores, e coisas de tal relevância.

É evidente que, num trabalho de tal magnitude, algumas injustiças são cometidas. No caso, anotamos uma flagrante discriminação para com as carnes de boi, de galinha e para com os ovos: enquanto a salsicha subia, eles não tiveram nenhum aumento. Acreditamos que os agentes dos preços, tão logo percebam o problema, irão reunir-se para corrigi-lo — e o princípio da isonomia, onde é que fica? — para evitar as manifestações de protesto que certamente acontecerão por parte da Sociedade Protetora dos Animais e de grupos ecológicos. Afinal, a procura de carne de boi e de galinha deve aumentar porque elas estão relativamente mais baratas, o que poderá provocar um abate maior dessas duas espécies, com ameaças à sua preservação e ao equilíbrio ecológico.

Outra coisa que nos impressionou muito favoravelmente foi o bom humor que os mentores do **Veranico** conseguiram manter (um bom humor que as brasileiras e os brasileiros que não freqüentam as esferas oficiais há muito não conseguem ter), mesmo após as estafantes maratonas de correção das tabelas de preços congelados. Em pleno feriado de Tiradentes, numa Brasília entregue às moscas, eles tiveram forças para se reunir novamente e discutir horas a fio sobre o nome que dariam ao novo título do governo — se mantinham **OTN**, se ressuscitavam a **ORTN**, se criavam a **NTN**.

A coisa não é tão simples como se pensa. Afinal, nós já estamos no quinto **programa de estabilização** deste governo (contando-se as "correções" do Cruzado e esta do Verão) e o alfabeto só tem 26 letras (incluindo-se o controvertido **y**).

Re vigorados pelo cafêzinho com pãozinho de queijo (não contemplado por aumento algum) preparado por d. Dorotéia, eles optaram por **BTN**.

Ainda sob o efeito miraculoso do cafêzinho com pão de queijo, os responsáveis pela área econômica do governo decidiram também apoiar uma proposta de reajuste salarial que já tramita no Congresso, de autoria do deputado carente Osmundo Rebouças. O governo do presidente Sarney pode não ter encontrado uma boa solução para a questão dos salários, mas, como o poeta Carlos Drummond de Andrade, encontrou uma rima: "Mundo, mundo, vasto mundo/Se eu me chamasse Osmundo/Seria uma rima, não seria uma solução". No mínimo é uma ingenuidade deixar a busca dessa solução para os salários nas mãos dos companheiros do sr. Osmundo: será que o governo esqueceu que o Congresso, contrariando vetos do seu próprio chefe, acaba de conceder aumentos de 170% para funcionários da Justiça e 285% para funcionários do Ministério Público?

Já que tudo se está tornando uma imensa brincadeira — até as discussões sérias que alguns economistas travam sobre o **Veranico**, como se ele pudesse realmente resolver o problema da inflação brasileira —, nós também temos a nossa sugestão para resolver os impasses. Como o Estado brasileiro é um paciente em estado terminal — tão esclerosado que leva a sério a função de aumentar o preço da salsicha — instalado numa UTI e vivendo ligado àqueles aparelhos todos que os hospitais possuem, inclusive tendo ao lado um jovem saudável — a economia privada — que lhe garante constantes transfusões de sangue, que poderão acarretar-lhe uma fatal anemia perniciosa, achamos conveniente contratar as quatro enfermeiras austríacas que estão em disponibilidade agora para cuidarem dele.

Talvez assim ainda seja possível salvar o setor privado da economia nacional, antes que ele seja totalmente sugado e não haja mais salvação para ninguém. O caso do Estado brasileiro já está exigindo uma eutanásia, para que o resto da família possa viver em paz...